

Pelas linhas do texto e do tecido: diálogos possíveis entre Literatura e Moda

Anélia Montechiari Pietrani¹ 

Carolina Raquel do Amaral Quintella² 

Maria Lucia Guimarães de Faria¹ 

Natalia Helena Wiechmann³ 

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Niterói, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Niterói, RJ, Brasil.

³ Instituto Federal de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: aneliapietrani@letras.ufrj.br

E-mail: carolinaquintella@letras.ufrj.br

E-mail: maluh@letras.ufrj.br

E-mail: nataliahw@ifsp.edu.br

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editor Associado

Anélia Pietrani
Carolina Quintella
Maria Aparecida Fontes
Maria Lucia Faria
Natalia Wieckmann

Como citar:

PIETRANI, Anélia; Quintella, Carolina; FARIA, Maria Lucia; WIECHMANN, Natalia. Pelas linhas do texto e do tecido: diálogos possíveis entre Literatura e Moda. *Revista Diadorim*, v.26, n.1, e67459, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n1a67459>

No panorama dos estudos literários e interdisciplinares, a Moda é um campo pouco explorado, ao qual se reserva uma aparição limitada. A escassez de pesquisas sobre o diálogo entre Literatura e Moda evidencia a perpetuação da histórica atribuição de “insignificância” a esta última área, sobretudo nos âmbitos da intelectualidade e da produção acadêmica. Na contramão da irrelevância à qual essa relação é relegada, a Literatura sempre se aliou à Moda para substanciar seus discursos e representações, em uma conexão original que a própria etimologia latina comum entre texto e tecido sugere desde o princípio.

Tecelagem e vestimenta, escrita e leitura são, em si, atos de significação, no dizer no dizer de Roland Barthes. Além disso, tanto a Literatura quanto a Moda operam narrativas por meio de sinestésias, transitando da criação imagética para outros sentidos, como o tato e o aroma. Assim,

no tecido e no texto literário tudo se projeta como significação; ambos remetem a questões culturais e históricas ou as codificam, implicando valores sociais.

Por isso, neste dossiê, o enfoque dos trabalhos é o diálogo entre Moda e Literatura e o “ponto de cruz” da interpenetração entre as duas áreas, nos casos em que são indissociáveis e não há primazia de uma sobre a outra. Nesse sentido, reunimos estudos que investigam a produção de metalinguagem literária ou a metáfora da tessitura verbivocovisual, partindo da relação entre têxtil e texto; já outros artigos analisam o emprego do léxico da Moda e de seu campo semântico como estratégia de criação literária em discursos poéticos e narrativos para abordar aspectos sociais, filosóficos, linguísticos, entre outros.

Como o interesse pela produção de literaturas que dialogam com a Moda não se restringe a um gênero literário específico nem a um período histórico delimitado, o dossiê acolheu pesquisas que analisam o entrelaçamento entre Moda e Literatura tanto em poesia quanto em prosa, de diferentes nacionalidades, épocas e temáticas, para ampliar o panorama dos diálogos possíveis e conferir visibilidade aos estudos e pesquisadores da área.

O artigo que inicia esse diálogo se debruça sobre *Moll Flanders* (1722), de Daniel Defoe, com o objetivo de analisar o papel das roupas na obra e destacar como o vestuário é pensado enquanto correlato material da subjetividade moderna e da crise de *status* que caracterizou a sociedade do início do século XVIII. Federica Perazzini despe a protagonista de Defoe – “Undressing Moll Flanders: Identity and Vestimentary” é o título do ensaio –, para demonstrar que, pelo contrário, o vestir-se foi o meio empregado pela astuta personagem para ascender social e financeiramente e afirmar-se no cenário capitalista. Simultaneamente disfarce, arma de sedução e fonte de negócios escusos, as roupas são a forma que encontra a camaleônica e performática Moll para traçar um caminho até a nobreza, nas diversas etapas de sua vida, primeiro como criança pobre, depois como prostituta cobiçada e, por fim, quando o corpo declina, como ladra de tecidos e demais artigos de luxo da moda. Antes, porém, de se enfrontar no “subversivo poder da vestimenta” no enalço da trajetória de Moll, Perazzini faz uma longa introdução sobre as múltiplas peripécias do “vestido narrado” na literatura em sintonia com o *background* econômico e social das transformações trazidas pela vida urbana moderna.

Também ambientado no século XVIII, mas no contexto do Brasil colonial, o romance *Os sinos da agonia* (1974), de Autran Dourado, é o objeto de análise de Milca Alves da Silva, que absorve os estudos teóricos de Moda e de Literatura para analisar a caracterização dos personagens e a construção do cenário histórico e social do romance em questão. Ao discutir a forma como o romance de Dourado fornece detalhes sobre os costumes e as vestimentas no contexto do Brasil colonial, a estudiosa argumenta em “A moda como elemento estratégico em *Os sinos da agonia*, de Autran Dourado” que a moda se torna central na construção da narrativa,

uma vez que transcende o vestuário para incluir arquitetura, objetos e até eventos político-sócio-culturais da época, a exemplo do grandioso, farsesco e multissensorial espetáculo da morte em efígie. A leitura que Milca Alves da Silva faz dos personagens e da ambientação histórica, social e literária idealizada e articulada pelo romancista é minuciosa na medida em que destaca a constituição das identidades e das relações sociais de entremeio ao vestuário.

Já o estudo proposto por Pascoal Farinaccio volta-se para o Brasil de fins do século seguinte. Intitulado “O vestuário feminino numa fazenda escravocrata do século XIX: patriarcalismo, sentimentos e subversão em *A menina morta*”, o estudo se vale do extraordinário romance de Cornelio Penna para discutir a influência da moda entre os endinheirados daquele Brasil dos oitocentos, destacando a importância das roupas como elementos simbólicos e narrativos que refletem as relações de poder daquele contexto. O foco do texto de Farinaccio é a personagem Carlota, cujo vestuário é interpretado como uma extensão de sua personalidade e de suas decisões, especialmente em momentos cruciais da história, como a recusa ao casamento arranjado e a libertação dos escravos da fazenda, o que faz com que o vestuário seja lido como um meio de afirmação identitária e de resistência. A casa com sua mobília pesada, severa, maciça, sombria e ameaçadora também é objeto de atenção do analista, uma vez que ela é recorrentemente aventada pelo romancista como elemento decisivo para a percepção da atmosfera opressiva e desoladora que esmaga os escravizados e assola também o próprio leitor. Trata-se, portanto, de uma análise detalhada do romance de Cornelio Penna, interligando o vestuário feminino às questões de gênero, resistência e poder.

O século XIX também dita o contexto histórico do romance analisado por Antonio Augusto Nery e Gilberto Carlos Pereira em “Indumentária e acessórios em *A cidade e as serras* (Eça de Queirós): a (des)caracterização da burguesia”. A partir da obra de Eça de Queirós, os pesquisadores buscam retratar a burguesia do século XIX tendo como guia a lente aguda e incisiva do romancista português. O foco do estudo se apresenta já no título do ensaio, em que o prefixo des-, em (des)caracterização, aponta para uma visão ambivalente da noção de caracterizar algo ou alguém, que antecipa o trabalho irônico do narrador José Fernandes, simultaneamente a vestir e desnudar a burguesia portuguesa do ponto de vista social, econômico e psicológico. Fortemente amparada no próprio texto do romance, a análise substancia a sua argumentação com fartas e oportunas passagens do livro.

Assim como a burguesia oitocentista em Portugal pode ser observada pelo viés do entrelaçamento de Moda e Literatura, também a classe média brasileira do século XIX, inspirada nos moldes europeus, constituiu sua identidade a partir de costumes – hábitos e roupas – que refletem suas aspirações e valores. É este o assunto do texto de Bruna da Silva Nunes, “*A Estação: uma revista de moda e literatura*”. Trata-se de uma contribuição valiosa para os estudos sobre a história da Moda e da

Literatura no Brasil, em que Nunes nos mostra como essas duas áreas se relacionam quando se considera a construção de uma identidade cultural, em especial para as mulheres brasileiras que compunham as classes sociais dominantes, leitoras assíduas de revistas como a analisada pela pesquisadora. Ponto alto desse ensaio é a atenção que a autora dá à estrutura e ao conteúdo da publicação, que lhe permite realçar a interação entre as esferas do texto literário e do texto visual criado pela Moda.

A moda nas obras literárias do século XIX surge também no artigo de Carolina Casarin, intitulado “Alencar, costureiro”, que analisa uma das obras mais conhecidas do romantismo brasileiro: o romance *Lucíola* (1862), de José de Alencar. Nessa análise, Casarin explora a riqueza de detalhes das descrições de vestuário ao longo da narrativa e defende que as roupas assumem mais do que uma representação de *status* social: elas estampam os conflitos internos da protagonista e sua passagem da esfera do erotismo para a pureza, transformação materializada nas vestimentas ao longo do enredo. Valendo-se de teóricos de grande relevância para os estudos de Moda e Literatura, como Roland Barthes e Gilda de Mello e Souza, Carolina Casarin nos oferece uma leitura aprofundada da obra de Alencar e nos ajuda a compreender como a moda e os valores burgueses europeus influenciaram a sociedade brasileira do século XIX.

Em “O olhar camiliano sobre a moda: uma análise do romance *A queda dum anjo*, de Camilo Castelo Branco”, de Bruna de Oliveira Sales, moda e indumentária são igualmente analisadas a partir de transformações psicológicas, sociais e ideológicas vivenciadas pelo protagonista do romance. Segundo aponta Sales, ao longo da narrativa de Camilo Castelo Branco, as mudanças de estilo da vestimenta do personagem principal refletem a própria mudança de *status* de Portugal, que gradativamente vai deixando de ser um país conservador e tradicional para tornar-se um lugar mais afeito à modernidade. Com sólida referência teórica, Sales apresenta uma síntese sobre os padrões de moda e beleza nos séculos XVIII e XIX, de modo a ilustrar o quanto moda e vestimenta são marcadores culturais e sociais de uma época, além de analisar o papel central da vestimenta não apenas no percurso do protagonista de *A queda dum anjo* como também nas tensões entre tradição e modernidade na sociedade portuguesa oitocentista.

Esse desdobramento da Moda no texto literário, no que tange à representação de um contexto cultural e/ou histórico de um país, é analisado também no trabalho de Lara Maria Arrigoni Manesco, que explora a relação entre tecelagem e narrativa literária ao trazer a imagem da *arpillera* como representação do entrelaçamento dessas duas esferas. Durante o período ditatorial de Pinochet, a *arpillera*, uma técnica têxtil chilena, era usada como forma de resistência política. O artigo “Tessitura e ruptura: uma *arpillera* de palavras no conto ‘A mi me tocó la bandera’, de Marcela Serrano” demonstra o percurso da protagonista da história, uma *arpillerista*, ao reviver memórias traumáticas enquanto costura a bandeira do Chile para as comemorações

do bicentenário da independência do país. Ao tratar do universo feminino e da tecelagem em sua análise, Manesco evoca referências mitológicas para demonstrar que ambas, tecelagem e narrativa literária, são processos de criação que envolvem transformação, expressão e resistência, ideias correlatas que convergem e se consomem na imagem da *arpillera*.

Se, no conto analisado por Manesco, há, de fato, uma tecedura que interliga narrativa, personagem e autoria, a leitura da poesia de João Cabral de Melo Neto, por outro lado, pode revelar a constituição de um entretecimento poético profícuo aos estudos de Moda e Literatura. É o que propõem Júlio César de Araújo Cadó e Rosanne Bezerra de Araújo em “O poema e seus aviamentos: o tecido poético de João Cabral de Melo Neto”, ao lançarem mão da moda como categoria analítica para argumentar que a obra do poeta pernambucano seja lida como uma intertessitura composta de diferentes fios interpretativos. Com esse propósito, os autores tratam da inspiração que a poesia de João Cabral suscita no universo da moda; comparam sua obra à imagem do tecido, como a seda, por exemplo, em que as palavras são como fios entrelaçados que compõem um todo de simbologia e cultura; destacam a presença da tecelagem como metáfora do processo criativo; e discutem a influência da cultura espanhola na obra de João Cabral. Assim, Cadó e Bezerra de Araújo oferecem uma leitura original e enriquecedora dos poemas cabralinos, culminando na imagem do poeta como um costureiro que constrói uma tapeçaria poética única na literatura brasileira.

A metáfora da tecelagem é também o fio condutor e a linha-mestra – para aproveitar dois termos compartilhados pela Moda e pela Literatura – com que Carlos Roberto dos Santos Menezes e Ângela Beatriz de Carvalho Faria constroem o ensaio “Como tecer, em *A Dama e o Unicórnio*, de Maria Teresa Horta, ‘o desejo da experiência desmesurada do obscuro e do ausente?’”. Se o ensaio anterior explorou a sensualidade do poeta, este percorre veredas mais recônditas do erotismo e do mistério evidenciando a riqueza sugestiva das imagens poéticas quando dobadas nos teares da linguagem da Moda. Inspirada pelo conjunto de tapeçarias medievais do Quatrocentos, *La Dame à la Licorne*, Horta trama uma rede de poemas bem alinhavados, que capturam as telas, a própria poeta, o fazer poético e o leitor. Partindo do ponto mais longínquo e originário dos desenhos a carvão – anverso das telas, oculto ao observador –, a tecelã portuguesa, mostram os ensaístas, torna patente o corpo feminino túrgido de desejo que, vetado pela vigilância repressora do Medievo, apenas se entremostra nos tapetes, mas encontra, nos versos de Horta, a plenitude da liberdade e a liberdade da plenitude.

O cruzamento texto-têxtil extrapola os limites da poesia e se faz presente em outras instâncias artísticas. Em interessante ensaio intitulado “A artesanaria do figurino e o pensar com as mãos”, Danielle Joia apresenta a chamada poética têxtil do artista múltiplo e poligraduado Samuel Abrantes. Figurinista, ator, diretor, com titulação

em Letras, Antropologia da Arte e Semiologia e qualificação em Artes Visuais, Abrantes é também professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autor de diversos livros e uma das grandes referências nos estudos de indumentária no Brasil. Tecendo considerações iluminadoras sobre o figurino do espetáculo *O Próspero*, concebido e dirigido por Abrantes, a ensaísta comprova que a originalidade do criador reside em sua metodologia construtiva, articulada por um tripé composto pela colagem, pela artesanaria na construção dos têxteis e pela transdisciplinaridade que fomenta as suas ações. O texto de Joia é acompanhado de imagens que permitem a visualização das criações do artista.

Outro aspecto da moda que ganha destaque neste dossiê diz respeito às trabalhadoras e aos trabalhadores que operam a produção têxtil e que estão representados na literatura brasileira. Em “Os operários têxteis na poesia e na prosa brasileiras”, Salma Soria seleciona poemas e obras ficcionais brasileiros com o fito de trazer ao primeiro plano as operárias da indústria têxtil – sim, em sua esmagadora maioria, mulheres –, cujo trabalho, absolutamente indispensável para a manutenção do mercado da moda, é invisibilizado e relegado ao esquecimento, não apenas em termos da divulgação inexistente de seus nomes, como também da remuneração infame que recebem. Esse aspecto velado e sombrio da Moda é delineado e comentado com muita sensibilidade pela articulista por intermédio da interpretação de poemas de Edimilson de Almeida Pereira, André Gravatá e Cida Pedrosa, e de passagens dos romances *Os Corumbas* e *O cortiço*, respectivamente de Amando Fontes e Aluísio Azevedo.

O artigo que finaliza este dossiê apresenta um estudo denso, tenso e elucidativo sobre o que Thiago Franklin de Souza Costa denomina de “pedagogias conservadoras”, ao expor o esforço que empreende o romancista Lúcio Cardoso para desmascará-las e evidenciar o irreversível estrago que provocam nas existências humanas. Tomando por base a teoria das cinco peles do arquiteto austríaco Friedensreich Hundertwasser – epiderme, vestuário, casa, sociedade e mundo –, Costa demonstra com verve e afinco que todas as peles são indelevelmente afetadas pela dogmatização dos costumes, comportamentos e valores, não sendo as roupas menos comprometidas que o corpo, os ambientes, as crenças e o ser como um todo. Tanto ao aceitar trajarem-se “de acordo com o figurino”, tal como fazem Ana, Valdo e Demétrio, quanto ao se vestirem “para matar”, como Nina, com seus vestidos provocadores, e Timóteo, como *crossdresser*, ostensivamente sobrecarregado das sedas, joias e lantejoulas da mãe, os personagens manifestam a capacidade de revelação de que são dotadas as indumentárias. Costa potencializa a sua investigação com o aporte das reflexões de Rogério Cardoso Gomes sobre o paroxismo, de modo que “A voz do orgulho: a casa, o traje e o corpo em *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso” é uma análise cabal da obra do romancista mineiro, em que o vestuário não é o único ponto de inflexão, mas comporta desdobramentos significativos na demonstração do sequestro do corpo pelas ideologias conservadoras.

Os doze ensaios selecionados para compor este dossiê mostram que a dupla Literatura-Moda tem grande potencial para gerar pesquisas e estudos fundamentais, que beneficiam ambos os campos do saber e, sobretudo, a sua interconexão. Ao propor a abertura para a discussão do tema, promovendo sua reflexão e reunindo distintas abordagens e investigações, o dossiê buscou apresentar um cenário do contínuo enlace entre as áreas, que atravessa séculos em uma associação próspera e que, uma vez despertada, não cessará de surpreender leitores e leitoras em suas variadas reconfigurações e manifestações literárias. A literatura dos séculos XX e XXI ainda está à espera de que mais estudos revirem seus guarda-roupas em busca do que se vela ou desvela sob ou sobre suas indumentárias e costumes. Esperamos que o nosso dossiê funcione como estímulo e fomento para a ampliação do leque de reflexões que visem a congregar as duas áreas.